



**MARCELO PEREIRA DA SILVA
(ORGANIZADOR)**

COMUNICAÇÃO, MÍDIAS E EDUCAÇÃO 2

Atena
Editora
Ano 2019

Marcelo Pereira da Silva
(Organizador)

Comunicação, Mídias e Educação 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
C741	Comunicação, mídias e educação 2 [recurso eletrônico] / Organizador Marcelo Pereira da Silva. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Comunicação, Mídias e Educação; v. 2) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-695-9 DOI 10.22533/at.ed.959190910 1. Aprendizagem. 2. Comunicação – Pesquisa – Brasil. 3. Comunicação na educação. I. Silva, Marcelo Pereira da. II. Série. CDD 371.1022
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Comunicação, Mídias e Educação constituem campos do saber que se entrecruzam e emolduram, por meio de suas especificidades de objetos e arcabouços teóricos, metodológicos e epistemológicos, fragmentos relevantes da arquitetura na qual a sociedade, as organizações e os atores sociais se assentam.

Nesse sentido, este livro contém um tripé, a saber, Comunicação, Mídias e Educação, que se (im)põe como condição na construção da sociedade e na consolidação da democracia, da participação, do diálogo e da análise crítica que alimenta as possibilidades de compreensão da complexa sociedade na qual estamos imersos.

A Comunicação, as Mídias e a Educação, assim, se apresentam como três campos que materializam múltiplas expectativas, desafios e oportunidades em um tempo no qual emergentes formas de ver, estar e sentir o mundo ressignificam o tecido social, redefinem profissões e produzem outras formas de interação, trocas e socialidades.

Destarte, dividimos esta obra em 2 partes: A primeira problematiza, por meio de diferentes métodos, análises, discussões e epistemes, o universo das Redes e Mídias Sociais da Internet, contendo artigos que tratam dos atores que emergem com o surgimento e a cimentação das redes sociotécnicas, os discursos que circulam no ecossistema virtual e os obstáculos decorrentes dessa ecologia.

A segunda parte engloba artigos que versam acerca das Mídias e do Jornalismo, lançando luz sobre a constituição das mídias sociais da Internet e das mídias de massa, assim como no lugar que o Jornalismo ocupa no contexto pós-moderno. Por meio de diversas discussões, metodologias e problematizações que aprofundam o olhar sobre as Mídias e o Jornalismo, tais artigos pavimentam a estrada por onde caminham, ainda que em sentidos que ora divergem e ora convergem nas interfaces entre Comunicação, Mídias e Educação.

Temos que Comunicação, Mídias e Educação devem ser entendidas e colocadas no centro da existência humana, dado que se tornaram medulares para a construção de uma sociedade mais aberta, justa, empática e sensível às demandas das labirínticas alteridades.

Marcelo Pereira da Silva

SUMÁRIO

PARTE 1: REDES E MÍDIAS SOCIAIS DA INTERNET

CAPÍTULO 1	1
A CELEBRIDADE PELO ESCÁRNIO: GRETCHEN, RISO E REDES SOCIAIS	
Jaciane Freire Santana João Gabriel Lourenço da Silva Santos Fabiana Moraes da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.9591909101	
CAPÍTULO 2	11
A FORMAÇÃO DE EDITORIAS DE MÍDIAS SOCIAIS EM REDAÇÕES JORNALÍSTICAS E OS DILEMAS SOBRE O PROFISSIONAL “HÍBRIDO”	
Robson Roque Ivan Satuf	
DOI 10.22533/at.ed.9591909102	
CAPÍTULO 3	24
AMINER.: METADADOS DE PESQUISAS ACADÊMICAS ATRAVÉS DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL	
Giuliano Carlo Rainatto Genesio Renovato da Silva Neto Jucilene Faria Norberto de Almeida Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.9591909103	
CAPÍTULO 4	39
ANÁLISE DISCURSIVA DE PERFIS DE DIGITAIS INFLUENCERS MIRINS	
Elane da Silva Sousa Regysane Botelho Cutrim Alves	
DOI 10.22533/at.ed.9591909104	
CAPÍTULO 5	53
ECOSSISTEMA DA DES-INFORMAÇÃO: TIPOS DE CONTEÚDOS FRAUDULENTOS NAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 2018	
Kennedy Anderson Cupertino de Souza Marilene Mattos Salles	
DOI 10.22533/at.ed.9591909105	
CAPÍTULO 6	66
FAKENEWS NA ATUALIDADE: ESTUDO DA DISSEMINAÇÃO DE NOTÍCIAS FALSAS COMO RECURSO DE PROPAGABILIDADE	
Luiz Guilherme de Brito Arduino Vânia de Moraes	
DOI 10.22533/at.ed.9591909106	

CAPÍTULO 7	77
JORNALISMO ESPORTIVO E E-SPORTS: UMA ANÁLISE DA COBERTURA JORNALÍSTICA SOBRE A POSSÍVEL INSERÇÃO NOS JOGOS OLÍMPICOS	
Guilherme Fernandes Mota Silva Luísa Guimarães Lima	
DOI 10.22533/at.ed.9591909107	
CAPÍTULO 8	88
MUDANÇA DE COMPORTAMENTO DO CONSUMIDOR DE NOTÍCIAS COM O FENÔMENO SEGUNDA TELA	
Suély Zonta	
DOI 10.22533/at.ed.9591909108	
CAPÍTULO 9	98
MÍDIAS DIGITAIS E CAPITAL SOCIAL: UM ESTUDO SOBRE AS AÇÕES DA CI COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO NO FACEBOOK	
Gabriel Gustavo Carneiro Braga Letícia Silva Mendonça Carolina Guerra Libério	
DOI 10.22533/at.ed.9591909109	
CAPÍTULO 10	110
O ELEITOR CONECTADO: PERFIL E CONSUMO DE CONTEÚDO NAS ELEIÇÕES 2018	
Maíra Martins Moraes Vitorino	
DOI 10.22533/at.ed.95919091010	
CAPÍTULO 11	125
PARA QUE SERVE UM BOATO NUMA CRISE DEMOCRÁTICA? REFLEXÕES SOBRE OS SINTOMAS, A PARTICIPAÇÃO E A UTILIDADE DOS BOATOS NA CRISE DA DEMOCRACIA BRASILEIRA	
Iasminny Thábata Sousa Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.95919091011	
CAPÍTULO 12	138
PÁGINA BOLSOMINIONS ARREPENDIDOS: UMA ANÁLISE QUALI-QUANTITATIVA	
Izailma Jaciara Araujo Costa Márcia Inabelly Araújo dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.95919091012	
PARTE 2: MÍDIAS, JORNALISMO E ANÁLISES	
CAPÍTULO 13	147
COMPOSIÇÃO, CORES E SUBJETIVIDADE: ESTUDO DO DISCURSO PREGNANTE EM INFOGRÁFICOS DO “LA NACIÓN DATA” E “ESTADÃO DADOS”	
Kelly De Conti Rodrigues Carlos Alberto Garcia Biernath Marcelo Pereira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.95919091013	

CAPÍTULO 14	161
A INVISIBILIDADE DO COVEIRO E O JORNALISMO LITERÁRIO: HISTÓRIAS DE PARATINGA	
Tiago Florencio de Abreu Angelita Pereira de Lima	
DOI 10.22533/at.ed.95919091014	
CAPÍTULO 15	170
A QUEDA HISTÓRICA DE ANUNCIANTES NO JORNAL O POPULAR: UMA REFLEXÃO SOBRE O FUTURO DO JORNAL IMPRESSO E SUA CRISE DE FINANCIAMENTO	
Edson Francisco Leite Junior	
DOI 10.22533/at.ed.95919091015	
CAPÍTULO 16	182
A REPRESENTATIVIDADE FEMININA NA SÉRIE <i>ORANGE IS THE NEW BLACK</i>	
Camilla Pessoa Barros Bibiano	
DOI 10.22533/at.ed.95919091016	
CAPÍTULO 17	191
BLOCKCHAIN E JORNALISMO DIGITAL: UMA REFLEXÃO SOBRE O MODELO DE NEGÓCIOS DA EMPRESA THE CIVIL MEDIA COMPANY	
Lucas Rezende Costa Luísa Guimarães Lima	
DOI 10.22533/at.ed.95919091017	
CAPÍTULO 18	202
COTAS UNIVERSITÁRIAS NAS COLUNAS DE CARTA CAPITAL: UM ESTUDO DE REPRESENTAÇÃO SOCIAL	
Elisa Fabris de Oliveira Edinete Maria Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.95919091018	
CAPÍTULO 19	214
DO FEMININO AO FEMINISMO: UMA ANÁLISE DE REPORTAGENS NA REVISTA AZMINA	
Thais Martins Rossi Maria Emília Pelisson Manente	
DOI 10.22533/at.ed.95919091019	
CAPÍTULO 20	226
FEMINICÍDIO E A IMPRENSA BRASILEIRA: ANÁLISE DA COBERTURA DIGITAL SOBRE O CASO TATIANE SPITZNER	
Bruna Silvestre Innocenti Giorgi	
DOI 10.22533/at.ed.95919091020	

CAPÍTULO 21	238
IMAGINÁRIO, MULTICULTURALISMO E APOCALIPSE NO FILME CÍRCULO DE FOGO	
Rafael Iwamoto Tosi	
DOI 10.22533/at.ed.95919091021	
CAPÍTULO 22	250
LIMITAÇÕES À DIVERSIDADE SIGNIFICATIVA DE VERSÕES NAS NOTÍCIAS: A COBERTURA D'O GLOBO E DO DIARIO DE PERNAMBUCO NA ELEIÇÃO PRESIDENCIAL DE 2018	
Nathália Carvalho Advíncula	
Maria Clara de Oliveira Martins	
Heitor Costa Lima da Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.95919091022	
CAPÍTULO 23	262
O CINEMA E O DUPLO: ANÁLISE MIMÉTICA DO FILME MARINA	
Bárbara dos Santos Oliveira	
Crislene Susane Fernandes Moreira	
Alexandre Bruno Gouveia Costa	
DOI 10.22533/at.ed.95919091023	
CAPÍTULO 24	273
O SENSACIONALISMO E A FUNÇÃO SOCIAL DO JORNALISMO POLICIAL MARANHENSE: UM ESTUDO DO PROGRAMA BANDEIRA 2	
Samantha Kelly Tinôco Araújo	
Alexandre Bruno Gouveia Costa	
DOI 10.22533/at.ed.95919091024	
CAPÍTULO 25	284
<i>PANTHER IS THE NEW BLACK</i> : REPRESENTATIVIDADE E CULTURA NA COMUNICAÇÃO DO FILME PANTERA NEGRA	
Rodrigo Sérgio Ferreira de Paiva	
DOI 10.22533/at.ed.95919091025	
CAPÍTULO 26	297
POR TRÁS DAS GRADES: O SILÊNCIO SOBRE OS PRESÍDIOS FEMININOS NO BRASIL	
Gabriel Barros da Silva Eduardo	
Julia Borsoi de Oliveira	
Natalia Vicente Teixeira	
Maria Emilia Pelisson Manente	
William Silva de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.95919091026	
CAPÍTULO 27	306
PRODUÇÃO IMAGÉTICA NO CINEMA: CONVERGÊNCIAS REPRESENTATIVAS ENTRE AS PRODUÇÕES DE JEAN-LUC GODARD E LARS VON TRIER	
Marcelo dos Santos Matos	
DOI 10.22533/at.ed.95919091027	

CAPÍTULO 28	316
VALORES-NOTÍCIA NO JORNALISMO AUTOMOTIVO	
Sergio Quintanilha	
DOI 10.22533/at.ed.95919091028	
CAPÍTULO 29	330
UMA REVISÃO NARRATIVA DA MÍDIA E DA SAÚDE MENTAL NA ATUALIDADE	
Paloma da Silva	
Andressa Rosa de Araújo	
Bianca Gonçalves de Carrasco Bassi	
DOI 10.22533/at.ed.95919091029	
CAPÍTULO 30	344
TEORIAS DO JORNALISMO: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA PARA DESCONSTRUIR AS <i>FAKE NEWS</i>	
Gabriela Souza Silva	
Mariana Oliveira Santos	
Carmen Regina de Oliveira Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.95919091030	
CAPÍTULO 31	356
RETRATOS E IDENTIDADES DO LICEU MARANHENSE: UMA VIVÊNCIA DA ARTE DA FOTOGRAFIA NO COTIDIANO ESCOLAR	
Elma Vilma Silva Ferreira	
Ellen Lucy Viana	
DOI 10.22533/at.ed.95919091031	
SOBRE O ORGANIZADOR	363
ÍNDICE REMISSIVO	364

O CINEMA E O DUPLO: ANÁLISE MIMÉTICA DO FILME MARINA

Bárbara dos Santos Oliveira

Graduanda em Comunicação Social Habilitado em Publicidade e Propaganda, Universidade Ceuma, babidossantosoliveira@gmail.com.

Crislene Susane Fernandes Moreira

Graduanda em Comunicação Social Habilitado em Publicidade e Propaganda, Universidade Ceuma, crisfernandessm@gmail.com.

Alexandre Bruno Gouveia Costa

Professor do curso de Comunicação Social: Jornalismo e Publicidade da Universidade Ceuma, Mestre em Cultura e Sociedade pela UFMA; alexandre.brunogouveia@gmail.com.

* Trabalho apresentado ao Grupo de Temático Fotografia, Cinema, Estética e Experiência, do I Encontro Nacional de Educadores e Pesquisadores da Fotografia e do Cinema.

RESUMO: Este artigo faz uma análise do documentário maranhense *Marina* (2017), de Taciano Brito, usando como base a *tríplice mimesis*¹ de Paul Ricoeur² sob o título “O cinema e o duplo: análise mimética do filme *Marina*”, mostrando a força, empoderamento e resiliência da mulher negra. Foi trazido para o debate a história de vida da personagem, a relação do autor com a obra e também as questões de trabalho forçado que afetou muitas jovens no

passado, principalmente das que saíram de suas terras para trabalharem, desde crianças, como empregadas domésticas nas “casas de família” da capital, aspecto que infelizmente também faz parte da realidade atual de muitas mulheres pobres, principalmente negras, fruto de uma herança escravocrata ainda enraizada no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: cinema; mimesis; *Marina*.

APRESENTAÇÃO

Este artigo faz uma análise fílmica com base na metodologia da *tríplice mimesis*, abordando a representação da mulher negra na cinematografia, partindo de aspectos externos e internos que perpassam pela idealização, execução e apresentação do curta-metragem maranhense “*Marina*” de Taciano Brito, que conta a trajetória de vida de uma mulher negra de 83 anos, que aos 7 se separou da família no interior do Maranhão em um povoado no município de Cururupu, há cerca de 200 km de distância da cidade de São Luís, para iniciar uma vida de trabalho exaustiva como empregada doméstica na capital.

1 Tríplice *mimesis* são as operações miméticas propostas na narrativa de Paul Ricoeur, provenientes de estudos no ramo da literatura, que no presente artigo está adaptada para a cinematografia.

2 Paul Ricoeur foi um dos maiores filósofos e pensadores franceses no período da Segunda Guerra Mundial. Entre as décadas de 50 e 60 desenvolveu importantes obras como “A filosofia da vontade”, “O conflito das interpretações” e “A metáfora viva”. Já na década de 80, desenvolveu estudos sobre a narrativa escrevendo três volumes do “Tempo e Narrativa”, conceituando a *tríplice mimese* em seus três estágios.

O filme aborda problemáticas bastante relevantes e que infelizmente ainda estão presentes no contexto social contemporâneo, como o racismo e o elitismo que até agora se mostra cruel com uma parte da população. A personagem reúne e/ou espelha uma condição de disputa social na concepção de exploração de uma elite detentora do capital e dos meios de produção que reprime as camadas sociais de menor poder de decisão.

O objetivo desse artigo científico é explorar o viés filosófico e sociológico existente na construção fílmica, que age como reflexo da sociedade e das visões de mundo do autor, além de mostrar como os filmes, evidenciando o utilizado para análise, influenciam os seus espectadores, usando ferramentas como identificação e reflexão.

METODOLOGIA

Com base na metodologia da *tríplice mimesis*, provenientes dos estudos do filósofo francês Paul Ricoeur, será entendido o cenário e analisado o conteúdo da obra fílmica em diferentes aspectos, que abrangem desde o contexto de identificação do autor que permeou as negociações para construção do longa, passando pela estrutura do filme, como cenário, narrativa, planos e personagem, até a recepção do espectador durante a exibição do filme.

A análise será construída passando pelas três *mimeses*, onde a primeira se trata de fatores que antecedem a obra. É feita uma pré-compreensão do ambiente, identificando as ações, traços simbólicos, e qualquer outro motivo que esteja no contexto de criação do documentário. Dessa maneira, aprofundaremos informações sobre o autor e personagem, apresentando a relação entre os dois e conectando com as teses que Paul Ricoeur defende sobre identidade de gênero e sua importância na formação de identidade. Como disse em entrevista dada à Revista *Espirit* em 1981:

Por que, com efeito, o ato de narrar está na vizinhança da nossa experiência, e mesmo constitui seu núcleo? Talvez porque nossa própria existência seja inseparável da narrativa que nós podemos criar de nós mesmos. É na atividade de contar-nos que nos damos uma identidade. Nós reconhecemos a nós mesmos nas histórias que contamos sobre nós mesmos: as histórias, verdadeiras ou falsas, aliás – pouco importa! – as ficções, assim como as histórias exatas, isto é, ditas verificáveis, têm este valor de nos propiciar uma identidade. (RICOEUR, 1981)

A *mimese II* fundamenta-se no ato de detalhar a composição presente na intriga do filme. Ela possui um caráter mediador entre o mundo prático, presente na *mimese I* e o mundo do espectador, na *mimese III*. Nela será analisado pontos que tecem o documentário, como os planos, a narrativa, imagens e trilha sonora, que foram escolhidos particularmente para estarem naquele filme.

É esse traço que, de modo definitivo, constitui a função mediadora da intriga. Nós o antecipamos na seção anterior, dizendo que a narrativa faz aparecer numa ordem

sintagmática todos os componentes suscetíveis de figurar no quadro paradigmático estabelecido pela semântica da ação. Essa passagem do paradigmático ao sintagmático constitui a própria transição de *mimese I* à *mimese II*. É a obra da atividade da configuração. (RICOEUR, 1994, v I, p. 103)

A tríplice *mimese* encerra-se na *mimese III*, que é marcada pelo encontro da obra com o público. O espectador é convidado a adentrar no filme, gerando o efeito perceptivo que é configurado pelo autor a partir da *mimese I* e *II*. Nessa fase é analisada a maneira como o público recebe e se identifica com o filme exibido nos festivais de cinema.

Generalizando para além de Aristóteles, diria que *mimese III* marca a intersecção entre o mundo do texto e o mundo do ouvinte ou do leitor. A intersecção, pois, do mundo configurado pelo poema e do mundo no qual a ação efetiva exhibe-se e exhibe sua temporalidade específica. (RICOEUR, 1994, p. 110, com destaques do autor.)

MARINA SOB A ÓTICA DOS ESTUDOS CULTURAIS

De acordo com pesquisas das comunicólogas Márcia Maria Tait Lima e Paula Carolina Batista, os Estudos Culturais se desenvolveram entre as décadas de 60 e 70, época em que o movimento negro e feminista ganharam força. Diante deste cenário, vários âmbitos culturais foram aderindo à esse novo aspecto cultural contemporâneo, como a arte, a literatura e o cinema.

De acordo com o artigo “Stuart Hall, os estudos fílmicos e o cinema”, da doutora em comunicação Angela Prysthon, apesar do sociólogo Stuart Hall, um dos principais contribuidores para os Estudos Culturais, não ter sido um teórico voltado diretamente para o cinema, é possível detectar a influência dos seus estudos na construção das obras fílmicas.

Ainda que Stuart Hall não tenha sido um teórico do cinema stricto sensu, podemos detectar a influência do seu pensamento nos estudos fílmicos, especialmente nas correntes mais afeitas ao cinema como prática social e aos Estudos Culturais. Essa presença de Hall no cinema e nos estudos fílmicos se dá em níveis distintos e configura-se de maneira multifacetada, mas está impressa sobretudo nos modos de ver e pensar o cinema mundial contemporâneo (PRYSTHON, 2016, p. 78).

Os escritos de Hall citados no artigo de Prysthon abrem diálogo sobre identidade cultural e representação cinematográfica, construindo um suporte teórico que ajuda a pensar não apenas sobre a forma fílmica, mas também a respeito das formas culturais como um todo, adentrando na produção cultural da periferia e o debate sobre ela, reafirmando o papel do periférico na sociedade e sua configuração no cinema contemporâneo.

Seguindo o raciocínio, Stuart Hall também conceitua o estereótipo e os processos associados a ele, com o objetivo de compreender mais especificamente

como ocorre a representação das diferentes raças e etnias, observando que os estereótipos se apoiam em características “simples, vívidas, memoráveis, de fácil apropriação e amplamente reconhecidas” de alguém e reduzem ela somente a essas determinações de maneira superficial, como por exemplo, associar negro a bandido, mulher a pessoa que não sabe dirigir bem, dentre outros pré-conceitos.

Esse entendimento sobre estereótipo apresentado por Hall pode ser relacionado perfeitamente com os estudos no âmbito do cinema, principalmente a respeito da análise dos personagens, que em muitos casos traz uma caracterização negativa de pessoas marginalizadas da sociedade, como o filme “Tropa de Elite” que personifica no policial o modelo de herói enquanto a favela era considerada local de bandidos. Essa caracterização também é perceptível em muitas novelas brasileiras, que destinam o papel de empregada doméstica, porteiro e motorista para atores negros e para os brancos ficam os papéis de maior prestígio.

A partir da conceituação de estereótipo, Stuart Hall adentra no campo da transcodificação:

A transcodificação busca reverter o estereótipo e neutralizar as imagens negativas, tendo como contraestratégia também a consciência da representação racial através das próprias formas estereotipadas, sendo uma contestação que se dá dentro do próprio estereótipo, assumindo-o e tornando-o permeável à instabilidade, ao estranhamento, à rasura. (PRYSTHON, 2016)

Dessa forma, a transcodificação se utiliza do estereótipo trazendo uma nova forma de caracterização, dessa vez positiva. A obra fílmica “Marina” apresenta essa transcodificação ao contar a história de uma mulher negra que mesmo tendo tido uma vida exaustiva regada a trabalho escravo durante anos, hoje é grata e plenamente feliz pela trajetória que a trouxe até onde ela queria chegar, utilizando o próprio estereótipo como ferramenta de desconstrução.

No artigo “Mulheres que desafiam a opressão e a hegemonia masculina: female gaze e a representação feminina no filme *As Sufragistas*” a autora Ana Carolina Maoski cita o livro “Cultura e representações” de Stuart Hall, onde apresenta três estratégias para realizar a transcodificação, que podem ser definidas pela inversão dos estereótipos, o olhar através da representação e a substituição de imagens negativas por positivas.

Por meio do olhar através da representação, na obra fílmica analisada pode-se relacionar tal estratégia com a ótica do autor, que é empregada à personagem que protagoniza o curta-metragem, ou seja, a forma como ele percebe e compreende Marina para transmitir sua imagem e personalidade no documentário. Essa perspectiva está diretamente relacionada a primeira operação mimética de Paul Ricoeur, a *mimese I*, ao explorar a pré-compreensão do contexto em que a obra está inserida, analisando a relação entre autor e personagem nas negociações que tornaram possível a realização do filme.

Taciano objetiva em Marina a imagem da mulher forte e destemida, que mesmo tendo vivido em uma situação infeliz durante grande parte da sua vida, não permitiu que essas adversidades definissem sua maneira de viver e enxergar o mundo, dessa forma, ela sente orgulho de si, e do que se tornou ao longo de sua trajetória. Observa-se essa concepção da personagem durante a fala: “Eu sou feliz, hoje, eu sou feliz porque essa vida que eu levei me fez mulher. Superei essas ‘humilhação’”. Marina enquanto mulher negra, também assume a auto-admiração pela sua etnia na fala: “Nunca me levei pra baixo por causa de ‘Ah essa preta, essa negra’ eu nunca me levei pra baixo [...] Eu sou o que sou, eu sou negra.”, mesmo em meio ao preconceito que sempre lhe cercou, fruto de uma herança histórica escravocrata que atribui ao negro uma imagem negativa e menosprezada.

ANÁLISE FÍLMICA

Mimese I: ligações e contexto da obra

A *mimese I*, é a forma que mais representa as dimensões éticas e sociais que foram essenciais para a construção da obra. É onde o mundo e a vivência do autor servem como principal referência para essa construção. Paul Ricoeur, em o “Tempo e Narrativa” (1994, p. 101) descreve-a como:

“Vê-se qual é, na sua riqueza, o sentido de *mimese I*: imitar ou representar a ação, é primeiro, pré-compreender o que ocorre com o agir humano: com sua semântica, com sua simbólica, com sua temporalidade”. (RICOEUR, 1994)

Dessa forma, a análise da *mimese I* no documentário “Marina”, perpassa antes pela vivência do seu criador, o diretor e roteirista Taciano Brito. Em entrevista, ele fala sobre como começou no audiovisual e de como sempre esteve engajado em projetos sociais. Formado em jornalismo, iniciou carreira como fotógrafo, onde teve contato e referências com diferentes meios artísticos, como teatro, música e dança nos trabalhos fotográficos que realizava. Há dois anos, iniciou carreira no audiovisual, estreando o curta-metragem “Marina” como seu primeiro filme dirigido.

Taciano é espírita, com forte vínculo também na religião Umbanda. Ele conheceu Marina, protagonista do filme, durante trabalho de assistência social realizado na casa espírita em que frequenta, onde ajuda pessoas idosas com distribuição de cesta básica. Durante uma conversa entre os dois, Marina conta sua trajetória de vida, e Taciano logo se comove com a sua forma de ver e enfrentar a vida. Em entrevista ele diz: “Eu fiquei impressionado com a força interior que essa mulher tem, e com a leveza e a pureza dela, mesmo com tudo que ela passou.” Ele ainda afirma que o que mais lhe chamou atenção em Marina não foi somente a história de vida dela, mas como ela lida e enfrenta com todas as suas dificuldades.

À vista disso, podemos perceber que a identificação de Taciano por Marina se dá pelo seu engajamento em projetos sociais de apoio às minorias, fator que

também pode ser percebido em outros projetos fílmicos do autor que ainda estão em fase de produção, que abordam tribos indígenas, tambor de crioula e quilombos. No documentário analisado, ao narrar a história de uma mulher negra que sofreu trabalho escravo, também é perceptível no diretor e roteirista sua preocupação e crítica às problemáticas sociais, assim como em seu primeiro projeto fílmico (ainda inacabado por falta de recursos financeiros) sobre os lixões de São Luís e a relação dessas áreas com a sociedade e o meio ambiente.

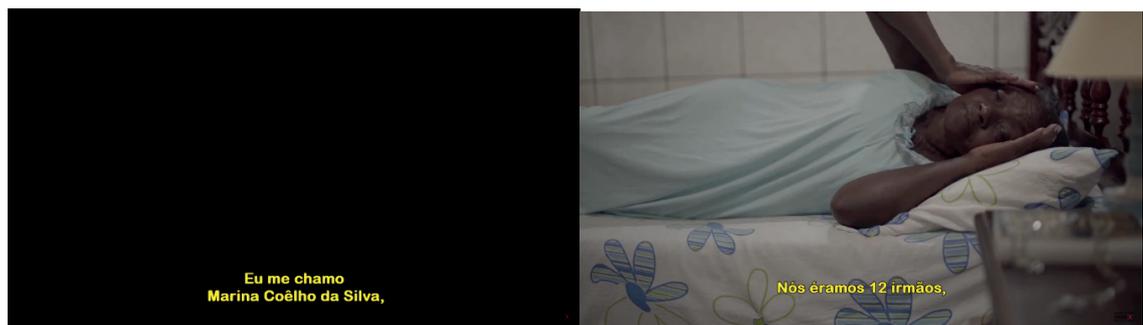
Mimese II: associações na estrutura e enredo

A *mimese II*, segundo Paul Ricoeur, possui uma função mediadora entre a *mimese I* e a *mimese III*, com o mundo que antecede a obra e o mundo onde está inserido o espectador. É nela onde ocorrem os fatos que desencadeiam a história.

Seguindo a análise a partir desse ponto, o documentário é contado em primeira pessoa, na voz da personagem Marina, uma mulher negra de 83 anos que vive em um bairro periférico de São Luís. Toda a história se desenvolve em uma linha de tempo cronológica, onde ela conta sua trajetória de vida, desde o nascimento até os dias atuais. De acordo com Taciano Brito, diretor do filme, a intenção é fazer com que a personagem relembra sua história de vida durante um dia.

O filme começa em locução off³, onde Marina se apresenta e dá início a sua história. Aos poucos, em fade in⁴, vai surgindo a cena do amanhecer em que ela fala sobre a sua infância. Da mesma forma, percebemos no final da história quando ela deita para dormir, enquanto conta como enfrentou firmemente a vida dura. Nesse momento, a tela escurece gradualmente e em locução off, ela faz um agradecimento.

As cenas carregam significados emblemáticos: a locução em off remete à um resgate da história na memória da personagem, como se ela estivesse renascendo para contar sua trajetória. Isso se relaciona também ao fato de ela estar prestes a acordar e nascer, mostrando que o início da vida é como o primeiro raiar do dia. Da mesma maneira observamos na cena final, quando ela fala sobre a vida e no instante em que sua voz está em locução off, ela começa a agradecer à Deus por tudo que recebeu até seu atual momento de vida, representando a paz e o sossego que tem hoje.



3 Recurso da sonoplastia onde o locutor ou intérprete narra enquanto não aparece em cena.

4 Efeito de aparecimento gradual de imagem ou som.

Figura 1 e 2 - Cenas iniciais



Figura 3 e 4 - Cenas finais

Conforme Taciano idealizou, os cenários utilizados para composição do filme são estritamente semelhantes aos ambientes que Marina frequenta, como sua casa, as ruas do seu bairro, o Mercado Municipal da Liberdade onde faz suas compras, a Igreja do Carmo e a Praça João Lisboa, situadas no Centro de São Luís.

No decorrer do filme, há planos e narrativas que formam cenas bastante representativas para a produção de sentido da história. Em sua narrativa, no princípio Marina conta sobre sua infância, quando ainda morava com sua família. Durante a fala: “Nós nascemos em Cururupu, interior de Cururupu, Bacuri. Era um interior muito sem nada. A nossa infância foi uma infância muito pobre”, surge a imagem de seus pés calejados, se levantando da cama, trazendo uma clara relação da sua velhice e cansaço físico à situação de pobreza na qual vivia. Em seguida, o plano muda para o ambiente da cozinha, nela percebe-se alguns elementos como fogão de modelo antigo, filtro de barro e utensílios de cozinha básicos, que reforçam a simplicidade de Marina.

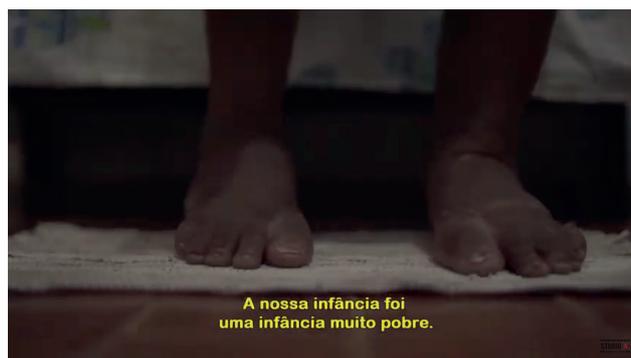


Figura 5 - Cena levantando da cama



Figuras 6 e 7 - Cenas da cozinha durante a manhã

Podemos observar que os momentos de maior fragilidade emocional da vida de Marina, como a morte de seu pai e a mudança da família, são contados enquanto está na sua casa, utilizando sempre planos mais fechados, trazendo ainda mais a sensação de intimidade, por estar expondo uma parte de sua vida muito particular.



Figura 8 e 9 - Cenas do relato da morte do pai e deslocamento da família

Ao relatar sua rotina de trabalho como empregada doméstica na casa para qual foi levada quando ainda era criança, aparecem cenas de Marina fazendo atividades domésticas em sua casa, cozinhando, varrendo o chão, limpando os móveis e lavando suas roupas. Nesse ponto, é possível identificar como a relação de Marina com o trabalho se modificou, a partir do contraste existente entre sua fala e as cenas, pois enquanto ela relata o trabalho exaustivo que realizava para outras famílias, aparecem imagens de Marina agora trabalhando para si, arrumando sua própria moradia e não mais as alheias.



Figuras 10 e 11 - Cenas arrumando a casa

Em determinado momento, Marina conta como iniciou serviços em um hotel

quando tinha 13 anos, após sair da casa onde trabalhava como doméstica. O emprego também era altamente cansativo, com 21 horas de trabalho diário, onde auxiliava em todos os setores do estabelecimento. Em sua fala, ela relembra como seu chefe fez a proposta do trabalho, perguntando pra ela “Você quer? Dá conta?”, e após ela responder “Eu dou”, se inicia a música “A Carne”, cantada por Elza Soares, trilha sonora que nesse instante possui um referencial simbólico muito importante, representando a desigualdade social tão presente entre brancos e negros, fruto de anos do regime de escravidão no Brasil, concepção muito presente no trecho “A carne mais barata do mercado é a carne negra”. A canção também reflete o poder de resistência e luta do movimento negro, que na construção fílmica, está relacionado à força e coragem de Marina, que se mantém erguida e determinada, mesmo em meio às dificuldades.

Durante toda a trama, a cada detalhe, percebe-se a solidão da personagem, principalmente no café da manhã e na quantidade de louças sob a mesa. Contudo, posteriormente Marina fala o motivo exato disso. Enquanto caminha, conta como era sua rotina de trabalho e em seguida o porquê de nunca ter se casado. Esse ponto é descrito em planos fechados, cortando para a personagem dentro de casa onde conta a história, depois corta para ela sentada no banco da praça com a câmera focada em seu rosto, mostrando uma expressão cansada.

Em um segundo momento, ela fala sobre o motivo de nunca ter tido um relacionamento amoroso. A causa principal, era o seu trabalho, mencionando que era uma menina muito cansada, sem tempo e que só queria sossego quando estava mais livre. A cena que estava em plano fechado com foco no rosto, agora passa para um plano aberto visto de cima, mostrando a personagem no banco da praça sozinha, enfatizando ainda mais sua solidão.

Essas duas cenas servem para mostrar que o fato da personagem levar uma vida solitária, está diretamente ligado com o trabalho forçado que a mesma teve durante toda a sua vida. Na parte em que ela diz que só queria sossego, o foco está sob o seu rosto, e percebemos uma expressão ansiosa. Logo em seguida, os sinos da igreja tocam.



Figura 12 e 13 - Relato sobre rotina de trabalho



Figura 14, 15 e 16 - Relato sobre relacionamento

Mimese III: percepção e compreensão dos espectadores

Finalizando o círculo da *mimese*, analisando o filme sob a perspectiva da *mimese III*, será descrito o local de recepção e assimilação do público, onde se expõe toda a construção da *mimese I e II*, por meio do contexto pré-configurado do autor e o propriamente configurado, exercendo o sentido pleno da obra.

A *mimese III* se configura a partir do momento em que o curta-metragem é exibido nos festivais de cinema, como no 41º Guarnicê de Cinema, onde o filme ganhou as premiações de Melhor Documentário, Melhor Filme Júri Popular e Melhor Montagem em 2018, como também em sua exibição no 10º Maranhão na Tela, no qual recebeu o Prêmio Especial do Júri.

Acerca da problemática que o filme aborda, podemos perceber que a história de Marina infelizmente é uma situação que se repete. De acordo com dados do Fórum Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil (FNPETI), mais de 170 mil crianças no Brasil entre 5 e 17 anos estão praticando serviços domésticos em condição de trabalho infantil, sendo 94,2% dessas crianças do sexo feminino e entre elas, 73,4% são negras.

Dessa forma, a imagem de Marina representa gerações de mulheres que também viveram ou ainda vivem essa realidade, trazendo um forte sentimento de identificação de grande parte do público com a personagem, mostrando o poder de influência e impacto que obras fílmicas podem gerar em seus espectadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os meios de comunicação atuam na produção a reprodução de aspectos históricos que compõem o percurso da humanidade, como afirma a Mestre em Crítica Cultural Sílvia Maria Santos Marinho, em seu artigo “Os meios de comunicação e a sua

influência na sociedade atual”. Sendo assim, os mais variados meios como internet, TV, rádio e cinema, exercem influência e representação ao fazerem um recorte social, apresentando um reflexo da sociedade em forma de obra artística.

Deste modo, o filme analisado, o curta-metragem “Marina”, se conecta com o seu público propondo uma reflexão a respeito do trabalho escravo que infelizmente permeia até então na sociedade, onde a desigualdade, a discriminação e o racismo ainda tem espaço. A obra também se refere ao sentimento de luta e enfrentamento desse sistema arcaico e opressor, através da força e resiliência de Marina.

REFERÊNCIAS

LIMA, Márcia Maria; BATISTA, Paula Carolina. **Gênero e raça na interface tecnociência, cultura e política**. 2018. Disponível em: <http://www.comciencia.br/genero-e-raca-na-interface-tecnociencia-cultura-e-politica/>. Acesso em: 22/01/2019.

MARINHO, Sílvia Maria. **Os meios de comunicação e sua influência na sociedade atual**. II Conedu - Congresso Nacional de Educação, p. 5, 2015.

PRYSTHON, Angela. **Stuart Hall, os estudos fílmicos e o cinema**. Revista MATRIZES, v. 10, n. 3, p. 78, set/dez, 2016.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tradução por: Claudia Berliner. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012a.

MAOSKI, Ana Carolina. **Mulheres que desafiam a opressão e a hegemonia masculina: female gaze e a representação feminina no filme As Sufragistas**. In: SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO (INTERCOM), 10, 2018, São Paulo. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=U3lvDwAAQBAJ&dq=transcodifica%C3%A7%C3%A3o+stuart+hall&hl=pt-BR&source=gbs_navlinks_s> Acesso em 25/02/2019.

GARCIA, Cecília. **O perigo do trabalho infantil doméstico dentro e fora de casa**. 2017. Disponível em: <https://www.chegadetrabalho infantil.org.br/noticias/materias/o-perigo-trabalho-infantil-domestico-dentro-e-fora-de-casa/>. Acesso em: 03/03/2019.

SOBRE O ORGANIZADOR

Marcelo Pereira da Silva - Pós-doutor em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, na Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, desenvolvendo o projeto intitulado: “Ecologia da Comunicação Organizacional – consumidores, instituições e públicos de afinidade nas redes sociais virtuais: interatividade, decepção, convivência e conflitualidade” (2018). Doutor em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo na linha de pesquisa Comunicação Institucional e Mercadológica, defendendo a tese: “A comunicação corporativa e o discurso do consumidor contemporâneo nos sites sociais de reclamação: decepção e coabitação na rede – desafios e oportunidades” (2016). Mestre em Comunicação Midiática pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, na Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, apresentando a dissertação: “Sentidos de Brasil na imprensa argentina – A teia noticiosa do periódico *Clarín* (2009). Bacharel em Relações Públicas pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, na Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (2003). Atualmente, é docente permanente do Mestrado Interdisciplinar "Cultura e Sociedade", do Mestrado Profissional de Comunicação e do curso de Relações Públicas da Universidade Federal do Maranhão, Campus São Luís. É diretor da Assessoria de Comunicação da Universidade Federal do Maranhão, coordenando os Núcleos de Relações Públicas e Cerimonial, Rádio e TV, Web Jornalismo e Produção Visual e Publicidade desde agosto de 2018. Coordena o Grupo de Pesquisa ECCOM – Ecologia da Comunicação Organizacional na Universidade Federal do Maranhão. E-mail: marcelosilva_rp@hotmail.com

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aminer 36

Análise de discurso 39, 46, 148, 159

Análise quantitativa 259

Anúncio 133, 134, 142, 170, 171, 176, 177, 178, 292

B

Blockchain 191, 192, 198, 199, 200, 201

Boato 125, 127, 128, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136

C

Capital social 9, 98, 99, 100, 101, 104, 107, 109, 192, 200

Celebridade 1, 2, 5, 6, 8, 9, 10

Cinema 23, 189, 238, 239, 240, 262, 264, 265, 271, 272, 283, 284, 285, 286, 288, 291, 293, 294, 295, 306, 307, 308, 310, 311, 312, 313, 315

Cobertura jornalística 77, 82, 83, 86, 250, 324, 327

Comportamento do consumidor 88, 295

Consumo 6, 11, 12, 14, 54, 88, 91, 96, 110, 113, 114, 117, 119, 144, 193, 216, 287, 288, 328, 334, 336, 340, 343

Conteúdo 3, 8, 12, 14, 15, 19, 24, 31, 49, 53, 54, 55, 56, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 69, 79, 80, 82, 83, 88, 90, 92, 93, 94, 95, 96, 102, 103, 104, 106, 110, 113, 114, 117, 138, 140, 141, 143, 144, 148, 155, 156, 164, 170, 171, 172, 174, 175, 180, 181, 188, 192, 197, 199, 206, 207, 209, 211, 216, 226, 227, 230, 231, 232, 236, 252, 255, 256, 257, 258, 263, 276, 280, 286, 287, 297, 298, 331, 332, 348, 350, 361

Cotas 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213

Cotidiano 18, 44, 47, 55, 81, 126, 135, 167, 174, 194, 195, 196, 211, 216, 222, 233, 282, 295, 297, 298, 304, 312, 313, 314, 335, 356, 358, 361

E

Eleições 53, 54, 57, 59, 61, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 74, 75, 76, 110, 111, 112, 114, 115, 116, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 127, 132, 136, 138, 157, 255, 260, 355

E-sports 77, 79, 81, 83, 84, 85, 86

F

Fake News 53, 55, 56, 59, 60, 63, 64, 65, 66, 123, 134, 136, 293, 344, 345, 349, 350, 353, 354, 355

Feminismo 185, 214, 217, 218, 219, 224, 225

Fotografia 70, 73, 262, 289, 313, 325, 356, 357, 358, 359, 361, 362

I

Identidade 39, 45, 46, 49, 50, 51, 52, 129, 163, 207, 208, 211, 212, 229, 249, 263, 264, 287, 294, 356, 357, 358, 361, 362

Imaginário 219, 238, 239, 240, 241, 242, 245, 246, 248, 292

Imprensa 63, 102, 104, 108, 109, 110, 111, 113, 121, 123, 124, 127, 129, 132, 135, 136, 162, 171, 173, 175, 176, 181, 194, 195, 198, 204, 213, 216, 217, 219, 224, 226, 227, 229, 230, 234, 235, 236, 251, 254, 260, 275, 277, 278, 283, 302, 309, 318, 319, 327, 332, 335, 342, 359, 363

Influenciadores digitais 44, 46, 64

Infográfico 147, 149, 150, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 291

J

Jornal impresso 14, 18, 102, 103, 104, 170, 171, 172, 174, 175, 178, 179, 194, 320, 350

Jornalismo 11, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 55, 56, 64, 68, 77, 78, 79, 81, 82, 86, 87, 88, 91, 92, 94, 95, 96, 109, 113, 118, 121, 138, 146, 159, 160, 161, 162, 163, 168, 169, 170, 171, 174, 179, 180, 181, 182, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 214, 216, 217, 219, 220, 221, 223, 224, 225, 226, 232, 250, 251, 253, 254, 255, 257, 259, 260, 261, 262, 266, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 282, 283, 297, 298, 301, 303, 304, 316, 317, 318, 319, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 353, 354, 355, 363

Jornalismo automotivo 316, 317, 318, 319, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 328

Jornalismo esportivo 77, 81, 82, 86, 87

Jornalismo literário 161, 162, 163, 168, 169

M

Mídia 5, 6, 8, 10, 12, 14, 22, 42, 48, 49, 51, 64, 68, 76, 78, 79, 82, 83, 90, 92, 93, 96, 100, 102, 103, 108, 109, 111, 126, 127, 128, 132, 137, 139, 159, 171, 175, 180, 181, 182, 193, 196, 197, 204, 216, 217, 224, 226, 227, 229, 230, 233, 234, 235, 236, 249, 251, 254, 255, 261, 273, 274, 277, 279, 282, 283, 295, 309, 316, 318, 319, 320, 323, 324, 327, 328, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 352, 354, 355, 361

Mídias digitais 14, 79, 88, 98, 100, 102, 188, 297, 298, 302

Multiculturalismo 238, 239, 240, 241, 248, 249

N

Notícias 2, 4, 12, 13, 14, 17, 40, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 71, 72, 76, 79, 83, 85, 88, 94, 95, 99, 102, 104, 105, 106, 108, 121, 123, 127, 130, 131, 141, 144, 164, 174, 175, 180, 191, 192, 194, 197, 198, 201, 218, 230, 231, 233, 250, 251, 252, 254, 255, 256, 257, 259, 260, 261, 274, 276, 277, 279, 283, 294, 303, 304, 316, 318, 320, 323, 325, 331, 335, 337, 338, 345, 346, 349, 350, 351, 353, 354

P

Presídio 184, 187, 188, 299

R

Redes sociais 1, 3, 5, 6, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 25, 26, 28, 29, 33, 34, 35, 42, 43, 44, 46, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 63, 64, 66, 67, 69, 70, 71, 73, 75, 82, 83, 93, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 111, 112, 113, 117, 119, 121, 122, 123, 128, 131, 138, 139, 141, 145, 146, 165, 172, 200, 235, 259, 260, 285, 286, 289, 291, 331, 344, 345, 350, 357, 358, 361, 363

Reportagem 69, 102, 150, 161, 162, 164, 168, 169, 214, 215, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 225, 231, 235, 236, 280, 281, 297, 301, 302, 304, 319, 324, 326, 338

Representatividade 116, 182, 184, 188, 189, 203, 211, 259, 260, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293

S

Saúde mental 330, 332, 333, 334, 335, 336, 337

Segunda tela 88, 89, 93, 94, 95, 96

Sensacionalismo 227, 232, 235, 252, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 282, 283, 342

Subjetividade 52, 135, 147, 155, 162, 221, 332, 333, 342, 343

V

Valor-notícia 197, 317, 318, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-695-9



9 788572 476959